



Análise do Percorso Gerativo de Sentido da cobertura dos protestos nacionais transmitidos pelo Jornal GloboNews¹

Francys ALBRECHT²

Paula BISIO³

Magnos CASAGRANDE⁴

Juliana PETERMANN⁵

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente trabalho analisa o discurso usado pelos jornalistas e repórteres do Jornal Globo News na transmissão dos protestos ocorridos no mês de junho de 2013. A análise é feita baseada no percurso gerativo de sentido proposto por José Luiz Fiorin que se estrutura nos níveis fundamental, narrativo, discursivo e da manifestação. O método de Fiorin é aplicado em dois vídeos extraídos da programação do jornal nos dias 07/06/2013 e 20/06/2013.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; baderna; cidadania; manifestantes; violência.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmica de Comunicação Social- Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, email: ar.francys@gmail.com

³ Acadêmica de Comunicação Social- Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, email: paulabisiomattos@yahoo.com

⁴ Mestre em Comunicação e Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria, email: magnoscassiano@yahoo.com.br

⁵ Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria da Universidade Federal de Santa Maria, doutora pela Unisinos, email: jupetermann@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A análise do discurso tem a finalidade de compreender os sentidos agregados a um texto. Para isso devemos investigar os mecanismos sintáticos e semânticos, e estes são responsáveis pela produção do sentido. Estes mecanismos são propostos por Fiorin em *Elementos de análise do discurso*. A análise do discurso, além de auxiliar na interpretação, facilita a compreensão de sentidos abstratos ou concretos ou também agregados ao texto de maneira intencional ou natural.

Esse trabalho tem como objetivo analisar o texto discursivo utilizado pelos jornalistas e repórteres do Jornal GloboNews, através da elaboração do percurso gerativo de sentido sobre os vídeos “07/06/13 Jornal Globo protesto contra aumento da passagem tem 15 presos”⁶ e “Manifestantes continuam na Avenida Paulista em São Paulo”⁷.

A seguinte análise tem como apoio teórico os níveis Fundamental, Narrativo, Discursivo e o Nível da Manifestação, propostos por Fiorin (1989). Os vídeos serão analisados sintaticamente e semanticamente, tendo em vista compreender a abordagem dada pelos jornalistas da Globo News acerca dos protestos ocorridos em junho de 2013.

METODOLOGIA

A fim de obtermos os resultados da análise, adotamos como metodologia o percurso gerativo de sentido proposto por Fiorin (1989), que compreende a análise discursiva a partir dos níveis fundamental, narrativo, discursivo e da manifestação. Os três primeiros níveis são divididos em componentes sintáticos e semânticos.

O nível fundamental divide-se em:

Semântica: oposição de dois valores opostos presentes no texto. Ex: x versus y.

Sintaxe: abrange duas operações, a negação e a asserção.

⁶ www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=jA25iqBxgh0

⁷ <http://globo.tv.globo.com/globo-news/jornal-globonews/t/todos-os-videos/v/manifestantes-continuem-na-avenida-paulista-em-sao-paulo/2646457/>



a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b.

b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a.

O nível narrativo é dividido em:

Sintaxe: existem dois tipos de enunciados elementares, os enunciados de estado e os enunciados de fazer. O primeiro estabelece relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto do texto. Os enunciados de fazer apresentam as transformações. Correspondem à passagem de um estado para outro.

Ainda na sintaxe narrativa, encontram-se duas espécies de narrativas mínimas:

a) de privação: ocorre um estado inicial conjunto e um estado final disjunto.

b) de liquidação de uma privação: acontece o contrário do primeiro. Estado inicial disjunto e um estado final conjunto.

Para finalizar a sintaxe narrativa, existe a sequência canônica que divide-se em quatro fases:

a) manipulação: um sujeito age sobre o outro a fim de levá-lo a querer ou fazer alguma coisa.

b) competência: o sujeito que irá realizar a transformação central da narrativa é dotado de um “poder fazer”.

c) performance: fase em que acontece a transformação central da narrativa.

d) sansão: ocorre a constatação de que a performance se realizou, através do reconhecimento do sujeito que realizou a transformação.

Semântica: ocupa-se de dois valores inscritos nos objetos. Os objetos em uma narrativa são divididos em:

a) objetos modais: é aquele necessário para se obter outro objeto. (o querer, o dever, o fazer...)

b) objetos de valor: sua obtenção é o fim último de um sujeito.

O nível discursivo pode ser dividido em:

Semântica: completa o nível narrativo com temas e figuras, dando assim concretude ao discurso.

a) tematização: extrai do discurso os valores abstratos encontrados. São apresentados como valores abstratos gerais que podem se referir a qualquer pessoa, sem nenhuma especificidade.

b) figurativização: especifica e particulariza o discurso. Permite classificar a competência dos autores e seus discursos.



Sintaxe: para realizar a presente análise, utiliza-se de um dos aspectos estruturais propostos por Ingedore Koch (1995). O aspecto estrutural utilizado foi o de Índice de Polifonia, que compreende as “vozes” que trazem para o texto pontos de vista diferentes. Ele pode ser dividido nos seguintes elementos:

1) determinados operadores argumentativos:

a) ao contrário, pelo contrário;

b) mas, embora; tem- se um argumento possível de conclusão, mas à qual se opõe, um argumento mais forte, que deve levar a uma conclusão oposta.

c) operadores conclusivos: casos em que não se enuncia um dos argumentos para conclusão que deseja levar ao interlocutor.

Ainda na sintaxe discursiva proposta por Koch, encontram-se os Marcadores de Pressuposição, em que o conteúdo pressuposto por esses marcadores não é de responsabilidade exclusiva do locutor, mas sim partilhado por ele e seu interlocutor, por terceiros ou por toda a comunidade. Esses marcadores dividem-se em:

a) o uso do futuro do pretérito como metáfora temporal. O locutor não se responsabiliza pelo que é dito, atribuindo a outro.

b) uso de aspas;

O Nível da Manifestação proposto por Fiorin (1989) compreende a união de um plano de conteúdo a um plano de expressão. A análise de um percurso gerativo de sentido necessita que sejam analisados os efeitos estilísticos de expressão, os quais não podem ser encontrados nos outros três níveis. São considerados neste nível, os seguintes elementos:

a) recursos fônicos, como aliteração e assonância;

b) recursos métricos e rítmicos;

c) recursos sintáticos, como paralelismo e estruturas físicas;

d) figuras de construção, como repetição e gradação;

e) recursos inerentes ao código do texto analisado;

Para a presente análise do nível da manifestação, utilizam-se apenas os recursos inerentes ao código do texto analisado, em que se analisa o estilo verbal e recursos imagéticos, audiovisuais e sonoros.



NÍVEL FUNDAMENTAL

O percurso gerativo de sentido, para Fiorin, se inicia pelo Nível Fundamental. Este tem por objetivo explicar os sentidos abstratos depositados em um discurso. Para Fiorin, (1989,p. 21): ‘‘A Semântica do nível fundamental abriga as categorias semânticas que estão na base de construção de texto. ’’

A semântica pode ser definida como *teoria da significação* e, neste nível, consiste em opor duas ideias contrárias. A euforia representa valores textuais positivos e a disforia os valores textuais negativos inseridos no discurso.

A sintaxe do Nível Fundamental envolve duas operações: negação e asserção. No decorrer de um texto, essas duas operações ocorrem dadas as categorias a vs b. Podem aparecer as seguintes operações:

- a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b;
- b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a;

Ao relacionarmos a semântica e a sintaxe do nível fundamental, constroem-se as seguintes relações: afirmação de euforia, negação de euforia e afirmação de disforia, ou, afirmação de disforia, negação de disforia, afirmação de euforia.

O primeiro vídeo, do dia 7 de junho opõe dois temas contrários *pacificidade* vs *violência* que pode ser notado na seguinte fala da repórter aos 19 segundos: ‘‘Neste momento, a situação da Avenida Paulista já é muito mais tranquila. Nem de longe, lembra aquele caos que se viu ontem, quando um grupo muito grande se reuniu e passou por aqui protestando, mas também não dá pra dizer que a situação ta normal porque ficaram os reflexos e a gente vai mostrar pra vocês partes deles. Quando esse grupo passou por aqui na altura Trianon-Masp depredaram vidros ’’. A *pacificidade* é detectada em ‘‘a situação da Avenida Paulista já é muito tranquila’’ em oposição a ‘‘nem de longe, lembra o caos que se viu ontem’’, no caso, a violência cometida pelos manifestantes ao quebrarem os vidros estação de metrô.

Nessa oposição, *pacificidade* é contrário à *violência*, *pacificidade* é contraditório a não- *pacificidade* e *violência* é contraditório a não-*violência*. Portanto, considera-se o ponto de vista dos repórteres, o termo eufórico seria a *violência* e o termo disfórico a *pacificidade*, sendo que a *violência* é o valor positivo e a *pacificidade* é o valor



negativo, pois durante a reportagem os jornalistas procuram emitir e salientar o sentimento de hostilidade aos espectadores.

Na sintaxe fundamental, é construída a afirmação de *pacificidade*, a negação de *pacificidade*, afirmação de *violência*. Pode-se observar essa relação da seguinte maneira: afirmação de *pacificidade*, quando a repórter logo no início da reportagem fala do momento “tranquilo” em que a Avenida Paulista se encontra após o protesto. A negação de *pacificidade* pode ser notada no momento em que a repórter remete ao “caos” do dia anterior, quando ocorreu o protesto. E, a afirmação de *violência* pode ser encontrada na frase “mas também não dá pra dizer que a situação tá normal (...) esse grupo que passou por aqui na altura Trianon-Masp depredaram vidros”, em que nesse momento, a repórter mostra aos espectadores o vidro depredado.

No segundo vídeo analisado, do dia 20 de junho, a mudança discursiva é analisada quando, para os repórteres, ir às ruas não era mais apenas uma manifestação e sim um ato de cidadania. Neste caso, na semântica fundamental as ideias que se opõem são *cidadania vs baderna*.

A ideia de *cidadania* pode ser notada nas seguintes falas da repórter ao 1 minuto e 39 segundos de vídeo: “Um clima muito bom, pessoal cantando o tempo todo (...) a polícia acompanha de perto nas esquinas, mas sem interferir no trajeto dos manifestantes”. E também quando fala na sequência aos 2 minutos e 21 segundos: “100 mil pessoas festejando”. Nesse momento ela se refere à revogação do aumento no preço da passagem de ônibus, que foi anunciada no dia 19 de junho.

A ideia de *baderna* é detectada na fala da jornalista ao incitar o telespectador a crer que só houve uma quebra do ato de cidadania, pois alguns manifestantes portavam bandeiras partidárias, ao 1 minuto de vídeo, “Não há incidente de violência, só no começo houve um princípio de confusão, um manifestante ficou ferido porque um pequeno grupo queria entrar com bandeiras (...)”. E logo após a repórter volta a reafirmar a legitimidade do movimento pacífico com a seguinte fala: “(...) mas tirando isso, transcorre num clima de muita paz, muita tranquilidade. Houve até chuva de papéis picados”.

Nessa oposição, *cidadania* é contrário a *baderna*, *cidadania* é contraditório a não-cidadania e *baderna* é contraditório a não-baderna. Com base nisso, o termo eufórico é *cidadania* e o termo disfórico é *baderna*, tendo eles os valores positivos e negativos respectivamente. Nota-se *cidadania* como termo eufórico, pois durante maior



parte da reportagem, os jornalistas quiseram transmitir aos telespectadores a ideia de que a manifestação era uma grande festa, devido a revogação do aumento no preço das passagens, mas que também ainda eram feitos muitos pedidos de melhorias no país. Como pode ser notado na fala da repórter aos 3 minutos e 31 segundos de vídeo, “a gente conversou com muita gente aqui que pedia melhorias na educação, na saúde, contra corrupção (...) há muitos pedidos ainda, mas o clima é de muita confraternização, é de festa.”.

Na sintaxe fundamental do segundo vídeo, é construída a afirmação da *baderna*, a negação de *baderna*, afirmação de *cidadania*. Nota-se essa relação quando a repórter diz “princípio de confusão”, logo diz “mas tirando isso, transcorre num clima de muita paz” e por fim, a afirmação da *cidadania*, “clima é de muita confraternização, é de festa”.

NÍVEL NARRATIVO

Neste nível, é proposto por Fiorin que a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.

Na sintaxe narrativa existem dois tipos de enunciados: os enunciados de estado e os enunciados de fazer. No enunciado de estado ocorre a classificação de privação ou liquidação da privação. Aponta-se o enunciado de estado de privação nas seguintes falas do vídeo do dia 07/06 aos 08 segundos, “Os manifestantes tomaram as ruas do centro de São Paulo. A tropa de choque da Polícia Militar teve que usar bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha para liberar as ruas”. E ao 1 minuto e 36 segundos “O metrô informou que um funcionário chegou a ficar ferido por causa dessa manifestação”. Nota-se nas falas que os sujeitos entram em disjunção com a pacificidade e geram uma conjunção com a violência.

No enunciado de fazer ocorre uma transformação de um enunciado de estado a outro. Manifesta-se esse estado no primeiro vídeo na seguinte frase aos 20 segundos: “Neste momento, a situação da Avenida Paulista já é muito mais tranquila. Nem de longe, lembra aquele caos que se viu ontem, quando um grupo muito grande se reuniu e



passou por aqui protestando... ”. Nas seguintes falas da repórter existe, evidentemente, uma transformação de um estado inicial (violência) e um estado final (pacificidade).

Em contrapartida, não há uma mudança de estado durante toda reportagem, aos 30 segundos a repórter busca evidenciar a violência assim como no restante do vídeo “(...) mas também não dá pra dizer que a situação tá normal porque ficaram os reflexos e a gente vai mostrar pra vocês partes deles. Quando esse grupo passou por aqui na altura Trianon-Masp depredaram vidros ”

No que se refere à sequência canônica, Fiorin ressalta:

“Quando se fala em narrativas complexas existe uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) que estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica que compreende as fases de: manipulação, competência, performance e sanção. ” (FIORIN, 1989. pág. 29)

No primeiro vídeo, há uma complexidade nas narrativas em relação à classificação dos elementos nas fases da sequência canônica, pois no discurso do vídeo analisado foram encontradas apenas as fases de manipulação e competência. Na primeira, o sujeito /manifestantes/ manipula-se ao resolver depredar o espaço público. Na competência, o sujeito /manifestantes/ possui um ‘poder fazer’, representado no vídeo pelas palavras “cacos de vidro”, “fogo”, “lixo”, “pichação”, “fecharam vias”, “confronto”, “bloquearam”.

A narrativa do vídeo não possui uma transformação central, pois ela inicia com a ideia de violência, confronto com a polícia e termina incitando a mesma violência provocada pelos manifestantes. Portanto, no vídeo, não foi encontrada a fase da performance e, automaticamente não há sanção, que seria o reconhecimento do sujeito responsável pela transformação ocorrida na performance.

A semântica narrativa ocupa-se dos valores nos objetos. Os valores aparecem em dois tipos: objetos modais e objetos de valor. Os objetos modais são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os objetos de valor são aqueles que entram em conjunção ou disjunção na performance principal. Identificasse, na análise do primeiro vídeo, o objeto modal como o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, e o objeto de valor seria a violência nas manifestações, resultado da indignação dos manifestantes.

Na sintaxe narrativa do vídeo do dia 20 de junho, aponta-se o enunciado de estado de privação nas seguintes falas do vídeo ao primeiro minuto, ‘ Não há incidente



de violência, só no começo houve um princípio de confusão, um manifestante ficou ferido (...) mas tirando isso, transcorre num clima de muita paz, muita tranquilidade”. Nessa passagem do vídeo, os sujeitos entram em disjunção com o objeto *baderna* e geram conjunção com a *cidadania*.

O enunciado de fazer pode ser identificado nas seguintes expressões do segundo vídeo aos 3 minutos e 50 segundos: “Há muitos pedidos ainda, mas o clima é de muita confraternização, é de festa (...) mas não custa lembrar que nas ligações de São Paulo com o interior ou com outros estados, estão fechadas devido às manifestações (...)”, nas quais existe uma transformação de estado inicial de *cidadania* e um estado final de *baderna*. Porém, como no vídeo interior, não há uma mudança de estado durante todo discurso dos jornalistas.

Na sequência canônica, analisada no segundo vídeo, novamente foram encontradas as fases de manipulação e competência. Na manipulação, o sujeito /manifestantes/ manipula a si mesmo, visto que, continua a ir às ruas pedindo outras melhorias, mesmo que, a principal delas, revogação do aumento tenha sido atendida. Na competência, o sujeito é dotado do “poder fazer” nas expressões “clima muito bom, o pessoal cantando o tempo todo”. Assim como no primeiro vídeo, não há performance já que não há uma transformação central no discurso do vídeo, conseqüentemente, não foi encontrada a fase da sanção.

Identifica-se, na análise do segundo vídeo, o objeto modal como a revogação do aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, e o objeto de valor seria a fala da jornalista incitando a manifestação como forma de cidadania aos 3 minutos e 33 segundos, “Muita gente aqui que pedia melhorias na educação, na saúde, contra corrupção (...) há muitos pedidos ainda, mas o clima é de muita confraternização, é de festa”.

NÍVEL DISCURSIVO

No nível discursivo, as formas que antes eram abstratas ganham valor de concretude. Para Fiorin, o nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes.

No primeiro vídeo do dia 7 de junho, no nível narrativo os sujeitos /manifestantes/ entram em disjunção com a *pacificidade* e geram uma conjunção com a



violência, ou seja, no nível discursivo, os /manifestantes/ querem entrar em conjunção com a *pacificidade*, porém não podem fazê-lo, pois há um obstáculo (aumento da tarifa do transporte público). Então, os /manifestantes/ só conseguirão entrar em conjunção com a *pacificidade* quando o obstáculo do aumento das passagens for removido.

No segundo vídeo do dia 20 de junho, no nível narrativo os sujeitos /manifestantes/ entram em disjunção com a *baderna* e geram conjunção com a *cidadania*. No discursivo, os /manifestantes/ querem entrar em conjunção com a *cidadania* para reivindicar as outras melhorias exigidas, além da já conquistada revogação do aumento das tarifas de transporte público em São Paulo. O obstáculo que impede os manifestantes a entrar em conjunção com *cidadania* é a atual gestão do governo federal. Portanto, os manifestantes entrarão em conjunção com *cidadania* quando o obstáculo, atual gestão do governo federal, for removida.

No vídeo do dia 7 de junho, se detectou que os temas são concretizados pelas seguintes figuras:

Para o tema *manifestação é violenta*, as figuras são *três pessoas feridas, tomaram as ruas, tropa de choque, bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha, caos, depredaram vidros, confusão muito grande*.

O tema *situação das ruas após a manifestação*, as figuras são *vidros quebrados, tapumes, sacos de lixo espalhados, atearam fogo no lixo, placa arrancada, guarita policial derrubada*.

O tema *atuação da polícia na manifestação*, as figuras são *bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha, 15 pessoas presas, conter manifestantes, confronto*.

O tema *indignação dos manifestantes*, as figuras são *Movimento Passe Livre, contra o aumento do transporte público, mãos para o alto 3,20 é um assalto*.

O tema *opinião dos entrevistados*, as figuras são *tumulto, destruíram tudo, foi um terror, todo mundo saiu correndo desesperado, prejudicar a população, maior vandalismo*.

No vídeo do dia 20 de junho, se detectou que os temas são concretizados pelas seguintes figuras:

Para o tema *situação da avenida paulista*, as figuras são *muito repleta, mais lotada, cem mil pessoas, prédio todo iluminado com as cores da bandeira do Brasil*.



Para o tema *a manifestação é pacífica*, as figuras são *não há incidente de violência, clima de muita paz, muita tranquilidade, até chuva de papel picado, clima muito bom, pessoal cantando o tempo todo, cem mil pessoas festejando*.

Para o tema *bandeiras partidárias no protesto*, as figuras são *princípio de confusão, manifestante até ficou ferido, os manifestantes não aceitaram, discussão*.

Para o tema *resposta às primeiras reivindicações*, as figuras são *conquista, revogação do aumento, festa, confraternização, chuva de papel picado*.

Na sintaxe discursiva, foram aplicados para análise dos vídeos, os Índices de Polifonia de Ingedore Koch. De acordo com Koch (1995), o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes às quais o locutor se identifica ou não.

1. Determinados operadores argumentativos:

1.1 Ao contrário; pelo contrário: esses operadores não foram encontrados em nenhum dos vídeos analisados, pois os dois mantêm a mesma ideia durante o decorrer do tempo das reportagens. No primeiro vídeo do dia 07/06, ambas as jornalistas repassam aos telespectadores a mensagem de que a manifestação foi violenta. No segundo vídeo, do dia 20/06, a jornalista afirma durante todo o discurso o clima festivo da manifestação.

1.2 - Segundo Koch (1995), os operadores pertencentes ao grupo do mas e do embora, o argumento é sempre atribuído a outra voz, à qual se reconhece certa legitimidade, se dá certa acolhida no interior do discurso como um argumento possível de conclusão.

No vídeo do dia 07/06 aos 25 segundos: “Nem de longe, lembra aquele caos que se viu ontem, quando um grupo muito grande se reuniu e passou por aqui protestando, *mas* também não dá pra dizer que a situação ta normal (...)” O uso do *mas* serve para informar e alertar o telespectador de que, por mais que os manifestantes não estejam no local, a situação é de insegurança. Também destaca-se ao 1 minuto e 13 segundos de vídeo, a fala da repórter, “A confusão aqui foi muito grande (...), *mas* os portões estão abertos, as pessoas estão embarcando, o metrô funciona normalmente”. Nesse momento, a repórter adverte que com toda confusão o metrô funciona normalmente, mesmo com a insegurança e os rastros deixados pelos manifestantes.



No segundo vídeo do dia 20/06, observa-se que os argumentos em que se utiliza o *mas*, servem para reafirmar o discurso de que a manifestação é pacífica, utilizado durante todo o vídeo. O *mas* serve para advertir de que por mais que haja pequenas confusões, a manifestação é “totalmente” sem baderna. Como exemplo, as seguintes expressões:

1 minuto 02 segundos: “Manifestantes desceram a paulista (...) *mas* não há incidente de violência (...)”.

1 minuto e 26 segundos: “(...) *mas*, tirando isso, transcorre num clima de muita paz, muita tranquilidade (...)”.

1 minuto e 54 segundos: “(...) polícia acompanha de perto, bastante policiamento, *mas* sem interferir no trajeto dos manifestantes (...)”.

2 minutos e 04 segundos: “(...) os policiais também fazem um certo resguardo, um policiamento preventivo, na frente de lojas (...), *mas* pelo que a gente vê são 100 mil pessoas festejando (...)”.

3 minutos e 24 segundos: “(...) o clima é de festa, *mas* ainda há muitos pedidos (...), melhoria na educação, na saúde, contra corrupção (...)”.

3 minutos e 58 segundos: “(...) *mas* não custa lembrar que, na ligação de São Paulo com o interior e outros estados, há algumas rodovias que estão com problemas (...), há manifestações (...)”.

4 minutos e 34 segundos: “(...) há problemas em algumas estradas, saídas aqui de São Paulo, *mas* também sem violência (...)”.

1.3- Operadores conclusivos: o interlocutor leva ao telespectador à conclusão dos argumentos que ficaram subentendidos. No vídeo do dia 07/06, pode-se encontrar tais operadores, ao 1 minuto e 25 segundos na seguinte fala: “ontem uma estação, a estação Vergueiro, pelo menos, foi fechada *por causa* dessa confusão. *Até por causa* do risco que isso oferece aos usuários.” A repórter, ao utilizar o termo *por causa* remete à conclusão de que os manifestantes representam risco à sociedade.

No vídeo do dia 20/06, aos 3 minutos e 51 segundos, encontram-se os operadores na seguinte fala da repórter: “*Então*, há muitos pedidos ainda, *mas* o clima é de muita confraternização, é de festa”. Ao empregar o termo *então* à sua fala, a repórter



conclui que apesar de os manifestantes ainda reivindicarem por alguns direitos, a manifestação transcorre de maneira festiva, comemorativa.

2. Marcadores de pressuposição: na análise, foi encontrado apenas no segundo vídeo, na fala da repórter citada anteriormente, “Então, há muitos pedidos *ainda*, mas o clima é de muita confraternização, é de festa”. O marcador de pressuposição encontra-se no termo *ainda*, pois ao utilizá-lo, a repórter pressupõe que os manifestantes continuam a pedir melhorias no país, mas mesmo assim, festejam a revogação do aumento da tarifa do transporte público, anunciada no dia anterior à manifestação.

3. Uso do futuro do pretérito como metáfora temporal: Neste caso, o locutor não se responsabiliza pelo o que é dito. Em ambos os vídeos não foram encontrados termos que remetessem à metáfora temporal, pois os repórteres eram responsáveis por seus discursos e fizeram a notícia do que era visto no momento e não do que fora repassado por terceiros.

Constata-se que, com o apoio dos autores José Luiz Fiorin e Ingedore Koch, se pode encontrar o viés ideológico mais explícito no texto discursivo dos jornalistas ao transmitirem reportagens e boletins acerca dos protestos.

NÍVEL DA MANIFESTAÇÃO

Compreende o nível em que são analisados os conteúdos contidos em um discurso e os planos de expressão. Segundo Fiorin (1989), a análise de um percurso gerativo de sentido requer que sejam analisados os efeitos estilísticos da expressão, os quais não podem ser encontrados em nenhum dos outros três níveis. Para Fiorin (1989, pág. 44), não há conteúdo linguístico sem expressão linguística, pois um plano de conteúdo precisa ser veiculado por um plano de expressão, que pode ser de diferentes naturezas: verbal, gestual, pictórico, etc.

Neste nível, devem ser considerados:

1.1 Recursos fônicos;

1.2 Recursos Métricos e Rítmicos;



1.3 Recursos Sintáticos;

1.4 Figuras de Construção como repetição e gradação;

1.5 Recursos inerentes ao código do texto analisado;

No seguinte trabalho, utiliza-se apenas o item *1.5 Recursos inerentes ao código do texto analisado* que analisa estilo verbal, audiovisual e sonoro. O primeiro vídeo analisado do dia 07/06 inicia com a âncora do Jornal GloboNews dentro do estúdio às 7h e 01 min da manhã. O horário fica localizado no canto inferior direito. Logo após o anúncio do boletim, a imagem corta e vai para o cenário externo em que a repórter está em frente à estação de metrô Trianon- Masp e visualiza-se a seguinte legenda: *Manifestação contra aumento das tarifas de transporte público tem 15 presos em São Paulo.*

Na fala da repórter aos 33 segundos “ (...) Ficaram alguns reflexos. A gente vai mostrar pra vocês alguma parte deles” o câmera-man corta a imagem para a pichação no vidro rachado e quebrado, os tapumes e o interior da estação. Ao 1 minuto e 20 segundos do vídeo, ela mostra a estação em funcionamento e as pessoas transitando, no momento em que afirma que o metrô funciona normalmente.

Logo após, ao 1 minuto e 43 segundos, o boletim é cortado e volta para o estúdio para o anúncio da reportagem. A reportagem continua com a mesma legenda e inicia com imagens do confronto entre polícia e manifestantes, viaturas policiais, bombas de efeito moral e tiros de balas de borracha. Aos 2 minutos há a primeira entrevista com uma lojista que estava no local da manifestação “(...) foi terrível. Depois de uns 3 ou 4 minutos, a polícia veio (...)” , nesse momento aparece a imagem da tropa de choque avançando. Aos 3 minutos e 02 segundos o repórter fala: “ Pelo menos 15 pessoas foram presas”, e aparece a imagem de um manifestante sendo detido por policiais. Aos 3 minutos e 12 segundos, a imagem corta para a entrevista com o comandante da tropa de choque. Aos 3 minutos e 23 segundos, a imagem corta para o interior do shopping onde há clientes lá dentro e um carro em exposição depredado, juntamente com a seguinte fala do repórter: “ No meio da confusão, um carro que estava em exposição dentro do shopping foi apedrejado”. Em seguida, aos 3 minutos e 28 segundos: “Do lado de fora, os manifestantes continuavam a protestar (...)”, a imagem de manifestantes pulando é exibida. A reportagem e o vídeo acabam aos 4 minutos e 13 segundos com três entrevistados e a última fala de um deles é: “Destruíram tudo, maior vandalismo”.



O segundo vídeo foi veiculado dia 20/06 no Jornal GloboNews às 20h e 59 min. Inicia com a voz do âncora dentro do estúdio simultânea às imagens da repórter na externa. Enquanto a repórter fala, o câmera-man exhibe imagens da Avenida Paulista do alto de um prédio. Não existe conexão entre as falas da jornalista e as imagens transmitidas, pois ao transcorrer do vídeo apenas são mostradas imagens da Avenida. Na tela, durante todo vídeo, na parte inferior, ficam correndo notícias sobre os protestos que ocorrem no restante do país. Ao 1 minuto e 45 segundos, a imagem é dividida em duas telas, a Avenida Paulista com o protesto pacífico e, a segunda em Campinas, com imagens de confronto entre manifestantes e polícia. Não houve comentários sobre o ato em Campinas, apenas imagens mudas. Ao 1 minuto e 53 segundos, a seguinte legenda aparece na parte inferior da tela: *Avenida Paulista continua repleta de manifestantes*. A reportagem acaba aos 4 minutos e 48 segundos com a fala da repórter: ‘ ‘ Não dá pra ver a cor do asfalto’ ’, referindo-se à grande quantidade de pessoas na Avenida Paulista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises do percurso gerativo de sentido construído nos textos dos vídeos, pode-se averiguar que os jornalistas apropriam-se de vários recursos linguísticos verbais e não-verbais, com a finalidade de transmitir aos telespectadores uma ideia principal em cada vídeo. Essas ideias estão carregadas de sentidos explícitos e intrínsecos, alguns deles, só podem ser detectados a partir de uma análise semiótica.

Conclui-se que os jornalistas utilizam recursos da linguagem para expor a opinião da emissora GloboNews, desta forma implicando na mudança de posicionamento para adequar-se ao contexto social que o movimento encontrava-se. Este passou de vandalismo à reivindicação legítima do direito de ir às ruas protestar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.